

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A PERCEÇÃO DO APOIO FAMILIAR NA
ADAPTABILIDADE E PROJETOS VOCACIONAIS NA
ADOLESCÊNCIA**

Francisca Falcão de Brito Fernandes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A PERCEÇÃO DO APOIO FAMILIAR NA
ADAPTABILIDADE E PROJETOS VOCACIONAIS NA
ADOLESCÊNCIA**

Francisca Falcão de Brito Fernandes

Dissertação orientada por Professora Doutora Isabel Janeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2014

Agradecimentos

À Professora Isabel Janeiro, por ter sido um apoio incansável, pela disponibilidade constante, pela força que sempre transmitiu e por acreditar sempre no desenvolvimento deste trabalho;

Aos meus pais que sempre me mostraram a importância do trabalho, da dedicação e por toda a motivação, apoio e amor que me deram.

À minha irmã Maria, pelo exemplo de perfeccionismo, de garra desmedida e por ser sempre um modelo para mim.

Aos meus tios, por serem o reflexo de dedicação e por me ouvirem e aconselharem todos os dias.

Ao Salvador, meu primo e irmão, pela forma como sempre me elogiou e me ouviu.

Às minhas amigas, que sempre me incentivaram, me deram força e sempre acreditaram em mim.

Aos meus colegas de faculdade por toda a ajuda e motivação transmitidas.

À Camila, um agradecimento especial por ser a minha protectora e o meu anjo da guarda.

Resumo

O contexto familiar tem sido designado como o principal influenciador do desenvolvimento vocacional do jovem. A presente investigação insere-se no âmbito do aconselhamento vocacional e tem como propósito adaptar para a língua portuguesa a Family Influence Scale (FIS) e analisar a relação entre esta escala e os determinantes do desenvolvimento vocacional Adaptabilidade de Carreira e Perspectiva Temporal, assim como analisar a relação entre as diferentes sub-escalas da Adaptabilidade de Carreira e o género.

Com vista a alcançar esse propósito, o presente estudo foi dividido em duas partes. Numa primeira parte foi feita a adaptação para língua portuguesa da escala americana *Family Influence Scale* sendo posteriormente explorada a relação entre esta escala e os determinantes do desenvolvimento vocacional. Participaram nesta investigação 151 estudantes que frequentavam o 9º ano de escolaridade numa escola pública portuguesa. A análise de componentes principais apontou a presença de quatro componentes com níveis de consistência interna adequados. Os resultados encontrados apoiaram a relação existente entre determinadas dimensões familiares e alguns indicadores de desenvolvimento vocacional.

Assim, a percepção do apoio informativo mostrou estar positivamente relacionada com a preocupação de carreira e orientação para o futuro assim como com a curiosidade de carreira. O apoio financeiro relacionou-se positivamente apenas com uma orientação para o futuro. Por outro lado, as expectativas familiares correlacionaram-se negativamente com as dimensões da preocupação, curiosidade, e confiança de carreira. Por fim, a percepção das crenças e valores dos adolescentes demonstrou estar relacionada positivamente com a sub-escala consulta da adaptabilidade de carreira e relacionada negativamente com a sub-escala preocupação.

Por fim, a investigação concluiu que as raparigas demonstraram estar mais preocupadas com o seu desenvolvimento vocacional do que os rapazes. Em termos gerais, neste estudo discutem-se as implicações dos resultados para a intervenção vocacional.

Palavras-chave: Adolescência, Desenvolvimento Vocacional, Escala de Influência Familiar, Adaptabilidade de Carreira, Perspectiva Temporal.

Abstract

The family context has always been designated as the primary influencer of youth's vocational development. This study aims to adapt the American Family Influence Scale to Portuguese language and analyse the relationship between this scale and the determinants involved in vocational development, career adaptability and temporal perspective, as well as to analyse the relationship between different sub-scales of career adaptability and variables such as gender. In order to achieve this purpose, this study was divided in two parts. Firstly was made the translation of the American Family Influence Scale to Portuguese language, and subsequently, the relationship between this scale and the determinants of vocational development was explored. In this study participated 151 students attending the 9th grade in a public Portuguese school. Principal components analysis indicated the presence of four components with adequate internal consistency, the same as in American version. The results supported the relationship between certain family dimensions and some determinants of vocational development.

Thus, the perception about informational support was positively related to career concern and future orientation as well as curiosity. Financial support was related positively only as an orientation to the future. On the other hand, family expectations were negatively correlated with concern, curiosity and confidence. The perception of the beliefs and values of adolescents demonstrated to be positively related to sub-scale consultation in career adaptability and negatively related to sub-scale concern.

Finally, this research demonstrated that girls tend to be more concerned with their vocational development than boys. This study discusses the implications of the results for vocational intervention.

Keywords: Adolescence, Career Development, Family Influence Scale, Adaptability Career, Temporal Perspective

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico.....	3
1.1. Desenvolvimento vocacional na adolescência.....	3
1.2. Teoria do desenvolvimento de Super.....	5
1.3 Teoria da construção de carreira de Savickas	10
1.4 O papel da família no desenvolvimento de carreira.....	12
1.5. Influência das variáveis contextuais específicas no desenvolvimento de carreira: apoio informativo; apoio financeiro; expectativas familiares; crenças e valores	16
Capítulo 2 – Método.....	20
2.1. Instrumentos.....	20
2.1.1. Questionário de Dados Sócio-Demográficos	20
2.1.2. Escala de Influência Familiar	20
a) <i>Versão Americana</i>	20
b) <i>Tradução e Adaptação para Português</i>	21
2.1.3. Inventário de Maturidade de Carreira	21
2.1.4. Inventário de Perspectiva Temporal	22
2.2. Procedimentos.....	22
2.2.1. Condições de Aplicação	22
2.2.2. Participantes	23
Capítulo 3 – Resultados.....	24
3.1. Análise das Características Psicométricas da Escala de Influência Familiar	24
3.1.1. Estatísticas Descritivas ao Nível dos Itens	24
3.1.2. Análise Factorial.....	25
3.2. Análise das Características Psicométricas do CMI e do IPT e as suas correlações com a FIS	29
3.3. Comparação dos Resultados Médios segundo a Variável Sexo	30
Capítulo 4 – Discussão e Conclusão.....	31
Referências Bibliográficas.....	38
Índice de Tabelas	46
Anexos	47

Introdução

A literatura no campo da psicologia vocacional é, em geral, consensual quanto à relevância do contexto familiar para o desenvolvimento vocacional. De facto, são muitas as investigações que mencionam o contexto familiar como o contexto principal ou de maior influência no desenvolvimento vocacional (Whiston & Keller 2004). No entanto, os estudos empíricos que relacionam especificamente a influência parental com o desenvolvimento de carreira têm apresentado resultados de alguma forma contraditórios (Keller & Whiston, 2008). Segundo Hargrove, Inman e Crane (2005) e Whiston e Keller (2004) os resultados inconsistentes nos estudos que pretendem analisar a influência da família no desenvolvimento de carreira podem ser explicados pela dificuldade na operacionalização dos conceitos, assim como pela utilização de distintas variáveis e medidas na análise da influência da família no desenvolvimento de carreira.

Tal como Hargrove, Creagh & Burgess (2002) referem, de modo a desenvolver o conhecimento sobre a natureza da relação entre o contexto familiar e o desenvolvimento de carreira, torna-se premente incentivar a utilização de dimensões familiares mais facilmente operacionalizáveis na investigação como potenciais influenciadoras do desenvolvimento vocacional.

A generalidade dos estudos que tem como propósito investigar a relação entre o contexto familiar e o desenvolvimento de carreira foca-se preferencialmente na forma como os pais influenciam os seus filhos, sendo que para autores como (Chope, 2005) será fulcral focar a atenção igualmente na importância da influência família global na compreensão da construção de carreira do indivíduo.

As investigações realizadas no campo vocacional têm dado um grande enfoque à compreensão das dinâmicas da Adaptabilidade de Carreira e da Perspectiva Temporal, como indicadores relevantes do desenvolvimento vocacional do adolescente. Por conseguinte, julga-se pertinente que nesta investigação se analise a dinâmica existente entre a dimensão familiar e os dois determinantes do desenvolvimento vocacional.

Desta forma, um dos objectivos da presente dissertação assenta na adaptação para a língua portuguesa de um instrumento de avaliação da influência percebida da família no desenvolvimento de carreira, a *Family Influence Scale* (FIS) com o intuito de avaliar a percepção dos jovens acerca do apoio informativo, financeiro, das expectativas

familiares e ainda das crenças e valores dos seus familiares, no seu desenvolvimento de carreira.

Uma vez realizada a adaptação do instrumento para a língua portuguesa, outro dos propósitos deste trabalho assenta também na exploração da relação existente entre as dimensões percepcionadas através da *FIS* e a sua relação com os indicadores de desenvolvimento vocacional: Adaptabilidade Vocacional e Perspectiva Temporal. Por fim é feita uma comparação entre géneros no apoio familiar percebido e nas várias dimensões da adaptabilidade de carreira.

Considerando os objectivos do estudo descritos anteriormente, o presente trabalho de investigação apresenta-se distribuído em quatro capítulos diferenciados. O primeiro capítulo refere-se ao enquadramento teórico, onde primeiramente se faz alusão a algumas das teorias desenvolvimentistas e construtivistas referentes ao desenvolvimento da carreira. Posteriormente é descrito o papel da família no desenvolvimento de carreira, nomeadamente a sua ampla influência nas dimensões da Maturidade vocacional e da Perspectiva Temporal. No final deste capítulo apresenta-se um referencial teórico alusivo a um conjunto de variáveis contextuais familiares específicas e a sua influência no desenvolvimento de carreira do sujeito.

De seguida, o segundo capítulo desta investigação refere-se à metodologia posta em prática para o desenvolvimento do estudo, assentando na descrição dos instrumentos utilizados, na referência aos procedimentos e condições de aplicação e à apresentação dos participantes.

Por sua vez, o terceiro capítulo assenta na exposição dos resultados obtidos na investigação fruto da aplicação de um Questionário Sócio-demográfico, da Escala de Influência Familiar, do Inventário de Perspectiva Temporal e do Inventário de Maturidade de Carreira.

Por fim, o quarto e último capítulo do trabalho apresentam a discussão dos resultados obtidos, as conclusões retiradas, bem como nas limitações da investigação. Em jeito de conclusão são ainda apresentadas potenciais implicações práticas e investigativas que permitirão dar continuidade às temáticas abordadas em investigações futuras.

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

1.1 - Desenvolvimento vocacional na adolescência

De acordo com as perspectivas desenvolvimentistas (Gottfredson, 1981; Super, 1957; Vondracek, Lerner & Schulenberg, 1986), o desenvolvimento vocacional pode ser compreendido como um processo contínuo que se estende ao longo de toda a vida do indivíduo, iniciando-se na infância e desenrolando-se até à velhice. Segundo Gonçalves e Coimbra (2007), o desenvolvimento vocacional envolve a concepção, implementação e reformulação de projectos de vida ao longo do ciclo de vida do indivíduo.

O campo do desenvolvimento vocacional pautou-se desde sempre pela crença de que as variáveis de ordem pessoal (e.g. os valores, as capacidades e os interesses) eram as dimensões que exerciam a maior influência no desenvolvimento de carreira, em detrimento de factores contextuais como é o caso da família de origem (Patton & Machmahon, 1999). No entanto e, segundo Lent e colaboradores (2002) os factores contextuais desempenham um papel relevante na forma como moldam a relação entre os interesses do indivíduo, a construção dos seus objectivos profissionais e consequentemente a sua escolha de uma carreira.

Bronfenbrenner (1986), na sua teoria sobre os sistemas ecológicos salienta a importância dos múltiplos contextos em que os indivíduos estão inseridos, sublinhando o facto do indivíduo e o contexto se influenciarem mutuamente na construção de projectos de vida. De acordo com o autor, os sujeitos constroem os seus projectos pessoais através da relação recíproca que estabelecem com diferentes sistemas, destacando a família como o sistema de maior importância no desenvolvimento individual. Na realidade, esta teoria foi umas das primeiras abordagens a encarar o desenvolvimento de carreira como fruto de factores pessoais e contextuais na vida do indivíduo (Patton & McMahon, 1999). Na mesma linha de pensamento, Vondracek, Lerner e Schulenberg (1986), na sua teoria desenvolvimentista contextualista, definiram o desenvolvimento de carreira como o produto de três componentes-chave: a pessoa, o contexto, e a interacção entre estes, pressupondo mudanças ao longo da *life span*.

Roe (1957) foi uma das autoras pioneiras no estudo das variáveis familiares e da sua associação com o desenvolvimento de carreira. Fundamentada pela importância das experiências precoces desenvolvidas pelas crianças com os pais e pelas atitudes parentais diferenciadas, a teoria de Roe sustentava que as diferenças existentes nas experiências e atitudes proporcionadas pelos pais para com as crianças, tendiam a originar no futuro diferenças no processo orientação de carreira das crianças.

A adolescência é o estágio da vida com maior enfoque nos estudos do desenvolvimento de carreira, uma vez que é durante este período que o indivíduo se compromete a fazer as suas primeiras escolhas neste âmbito (Sharf, 2006). O 9º ano, a par com o 12º ano de escolaridade, apresentam-se como duas das fases de transição mais investigadas nos estudos preconizados no campo do desenvolvimento vocacional.

Focando a adolescência, Seligman (1994) define-a como um período de transição marcado por oscilações comportamentais infantis e adultas e pelo desejo do indivíduo em encontrar um significado para si e para as suas vidas, através de tentativas de integração de valores, capacidades, interesses e emoções.

Durante esta fase de vida, o sujeito começa por desenvolver o seu pensamento abstracto, adquirindo assim uma melhor capacidade para solucionar os seus problemas e, conseqüentemente para iniciar o seu planeamento de carreira (Sharf, 2006). Embora os seus planos de carreira sejam congruentes com o seu auto-conceito, os adolescentes necessitam ainda de explorar as suas capacidades, identificar os seus interesses e o mundo do trabalho, previamente a tomarem uma decisão de carreira (Seligman, 1994).

O desenvolvimento da sua capacidade de planeamento permitirá que o adolescente imagine no futuro diferentes *possible selves*, perspectivando a sua carreira em termos de *life span* (Sharf, 2006).

O referencial teórico do desenvolvimento vocacional de Gottfredson (1981) evidencia que no quarto e último estágio denominado por “ Orientação para o self íntimo e único” (14 anos para cima) o indivíduo adquire uma maior consciência de si e guia o seu comportamento na procura de uma ocupação que vá ao encontro do seu “eu pessoal e psicológico”. Com este propósito, o sujeito tende a identificar quais as suas alternativas preferenciais e mais facilmente alcançáveis, no grupo de opções que este considera aceitáveis para si. Neste processo, o sujeito vai eliminando ocupações que compreende ou percebe como inadequadas para si, tendo em conta o seu “eu pessoal e psicológico”. Estudos empíricos realizados com adolescentes constataram que os estudantes que se sentem mais competentes e/ou capazes academicamente tendem a

e elevar as suas aspirações, contrariamente aos sujeitos que se percebem menos competentes e/ou capazes que tendem a reduzir as suas aspirações de carreira (Seligman, 1994).

1.2. Teoria do desenvolvimento de Super

Super (1990) foi um importante precursor no campo teórico e prático construído ao longo dos tempos no âmbito do desenvolvimento vocacional (Patton & McMahon, 1999). O autor destacou-se primeiramente pela sua teoria intitulada de *life span, life space* (Super, 1957, 1990; Super, Savickas & Super, 1996) que assentava em três principais premissas: a passagem dos indivíduos por um conjunto de estádios desenvolvimentistas marcados por tarefas que necessitavam ser ultrapassadas (*life span*); o aglomerado dos principais papéis de vida desempenhados pelos indivíduos (*life space*) e a implementação do auto-conceito do sujeito nesses papéis de trabalho e de vida.

Caracterizada pelo seu carácter contínuo, dinâmico e contextual a teoria de Super (1957,1990) defende que é através de pressupostos como a auto-observação, as experiências vivenciadas pelo sujeito, as interações sociais por este estabelecidas e o feedback proporcionado por diversos agentes que o sujeito constrói um conjunto de crenças sobre o self e sobre a forma como este actua em diferentes papéis de vida e em distintas situações, por outras palavras, é a partir destes pressupostos que o sujeito constrói o seu auto-conceito.

Na concepção de *life-span* que assenta no carácter desenvolvimentista da construção de carreira, Super (1957,1990) faz referência a cinco estádios de desenvolvimento caracterizados especificamente por um combinado de tarefas determinadas pelas expectativas e responsabilidades decorrentes da sociedade.

Os estádios de desenvolvimento descritos por Super (1957, 1990) denominam-se por: Crescimento, Exploração, Estabelecimento, Manutenção e Declínio. Neste trabalho são referidos os dois primeiros estádios de desenvolvimento preconizados por Super, uma vez que exclusivamente estes dizem respeito à fase da adolescência.

No primeiro estágio - estágio de crescimento (dos 4 aos 14 anos) espera-se que o sujeito construa e desenvolva o seu auto-conceito, influenciado fortemente pelos seus modelos familiares. Deste ponto de vista, neste período desenvolvimentista, a dimensão da família desempenha um papel relevante na criação do auto-conceito do sujeito, nomeadamente na forma como guia o sujeito no início da sua actividade exploratória,

influenciando o mesmo no desenvolvimento de papéis sociais (Super, Savickas & Super, 1996).

Tendencialmente entre os 14 e os 24 anos o indivíduo encontra-se no estágio exploratório. Na realidade, prevê-se que o indivíduo que se encontra neste estágio esteja apto para escolher domínios de interesse e de competências vocacionais que são consequência do seu auto-conceito e que, simultaneamente tendem a moldá-lo. Nesta fase, o sujeito adquire igualmente a capacidade para implementar essas escolhas vocacionais que vão ao encontro do seu “eu pessoal e psicológico” (Super, Savickas & Super, 1996).

No seu referencial teórico Super (1990), preconiza que é a dimensão da maturidade de carreira que permitirá ao indivíduo ultrapassar com sucesso o estágio em que encontra e, por conseguinte, encaminhá-lo para o estágio seguinte.

Na sua teoria desenvolvimentista, Super (1955) considera a maturidade de carreira como um constructo nuclear, sendo esta compreendida como o estado de prontidão do indivíduo para ultrapassar as tarefas desenvolvimentistas próprias de cada estágio de desenvolvimento com o qual este se depara ao longo do seu desenvolvimento vocacional. Na teoria de Super (1957, 1990; Super et al., 1996) esta prontidão individual associa-se particularmente à fase exploratória do indivíduo.

A maturidade de carreira, preconizada como um constructo fundamental no desenvolvimento de carreira pressupõe dois domínios diferenciados. Quer isto dizer que, num domínio atitudinal o indivíduo maduro deverá estar apto para planear a sua carreira e para se envolver activamente na exploração de uma ocupação futura. Por sua vez, apoiando-se numa dimensão de carácter mais cognitivo, o sujeito que apresenta adequados níveis de maturidade vocacional deverá possuir conhecimento acerca de possíveis ocupações futuras, bem como deve colocar em prática as suas decisões de carreira de forma eficaz (Super, 1990).

Deste ponto de vista (Super, 1990) afirma que a maturidade vocacional é o resultado da interacção presente entre a pessoa e o meio, assente na componente afectiva, física, social e cognitiva do indivíduo (Super, Savickas & Super, 1996).

Segundo Savickas e Porfeli (2011), um sujeito que apresenta níveis adequados de maturidade vocacional tende a envolver-se activamente no processo de decisão de carreira, explorando o seu “eu” e o mundo do trabalho. Este sujeito percepção em si capacidades para tomar decisões realistas, tendo em consideração factores interpessoais na delimitação dos seus objectivos.

Pelo que foi referido anteriormente, prevê-se deste modo que um indivíduo que apresente um adequado grau de maturidade de carreira esteja psicologicamente preparado para prosseguir com o seu desenvolvimento de carreira (Seligman, 1994) e tenda a construir uma carreira pautada pelo sucesso (Powell & Luzzo, 1998).

Para explicar o desenvolvimento da maturidade de carreira, Super (1990) apresentou o modelo interactivo da pessoa-contexto das bases da Maturidade Vocacional. Este modelo fundamenta-se na identificação de um conjunto de factores que se interligam entre si e que concomitantemente influenciam o processo de tomada de decisão de carreira do indivíduo (Super, 1950).

Este modelo assenta primeiramente no conceito de curiosidade como base e motor no processo de tomada de decisão do indivíduo. Desta forma, e com o propósito de satisfazer a sua curiosidade, o sujeito actua numa contínua exploração do seu “eu” e do ambiente que o rodeia, possibilitando-lhe adquirir a informação necessária de que necessita. As figuras-chave ou modelos, isto é, pessoas que são escolhidas pelas crianças para serem imitadas representam uma fonte que propicia e fomenta a aquisição de informação relevante acerca do mundo do trabalho (Super, 1990).

Através da actividade exploratória e da informação proporcionada pelos *role models* (e.g. pais, professores e figuras públicas), a criança começa por desenvolver os seus interesses individuais, identificando o que gosta e o que não gosta. O sucesso na sua exploração e o efeito dos modelos tendem a favorecer o desenvolvimento de um sentimento de controlo da criança sobre si mesma, sobre o seu futuro e sobre as actividades que realiza. Este sentimento de controlo propiciará o indivíduo a desenvolver uma noção de tempo, pensando em objectivos futuros e antecipando o planeamento dos mesmos. A Perspectiva Temporal simultaneamente com o desenvolvimento do auto-conceito serão responsáveis por determinar o planeamento de carreira e por conseguinte, a tomada de decisão de carreira (Super, 1990).

Este conceito nuclear do campo vocacional viu-se posteriormente permutado pelo constructo psicossocial designado por adaptabilidade de carreira (Savickas, 1997). Quer isto dizer que, no campo do desenvolvimento de carreira, alargou-se o conceito de maturidade de carreira (entendido como a necessidade de ultrapassar um conjunto de tarefas de desenvolvimento previsíveis), de forma a compreender também a contínua necessidade do indivíduo responder e de se adaptar a novas circunstâncias e imprevisibilidades durante toda a carreira. Deste modo, o conceito de adaptabilidade de carreira permitiu que a explicação do desenvolvimento de carreira não ficasse confinada

apenas às crianças e adolescentes, mas também abrangesse a faixa etária dos adultos (Savickas, 1997).

Não obstante a importância enquanto teoria, o modelo das bases da maturidade vocacional demonstrou igualmente a sua viabilidade no desenvolvimento de novas tipologias de intervenção vocacional, centradas na promoção dos diversos determinantes do desenvolvimento vocacional, como é o caso da Perspectiva Temporal (Janeiro, 2010).

Como referido anteriormente, a literatura salienta a Perspectiva Temporal como uma dimensão subjacente ao desenvolvimento da maturidade de carreira, uma vez que este constructo desempenha um papel relevante no modo como propicia o comportamento exploratório do sujeito e, por conseguinte, o seu planeamento de carreira (Janeiro, 2008).

A Perspectiva Temporal tem vindo a ser considerada como a dimensão psicológica responsável pela organização e codificação dos acontecimentos de vida do indivíduo, assente em diferentes marcos temporais como o passado, presente e o futuro (Boyd & Zimbardo, 2005).

A investigação tem notado que cada indivíduo tende a situar-se numa zona temporal predominante, centrada no presente, passado ou futuro (Ortuño & Janeiro, 2010), todavia, Keough, Boyd & Zimbardo (1999) notam que uma perspectiva temporal balanceada é aquela que mais se adequa ao desenvolvimento individual.

Diversas investigações têm sido levadas a cabo com o propósito de averiguar de que forma diferentes orientações temporais se relacionam com a motivação e determinados comportamentos do indivíduo.

Na vasta literatura acerca desta temática, a orientação temporal para o presente tem sido associada a comportamentos de risco, tais como o consumo de substâncias e álcool (Zimbardo Keough & Boyd , 1997), ao passo que a orientação para o futuro tem sido relacionada com o investimento escolar (Peetsman, 2000). O estudo sobre a perspectiva temporal de futuro tem revelado efectivamente grande pertinência para a investigação nos campos da motivação e do comportamento humano (Janeiro, 2012; Lens, Paixão, Herrera & Graber, 2012). Com efeito, a Orientação para o Futuro centra-se especificamente na idealização de acontecimentos e expectativas passíveis de serem concretizados no futuro, que se reflectem nas cognições, motivações e comportamentos do indivíduo (Zimbardo & Boyd, 1999).

De acordo com Nurmi (1991), a Orientação Temporal de Futuro integra três estádios psicológicos que envolvem a motivação, o planeamento e a avaliação da acção. Explicitando esta dinâmica, é a motivação que compreendida como a força impulsionadora, propicia o indivíduo a pensar acerca dos objectivos e desejos que visa alcançar no futuro. Por conseguinte, esta motivação origina tendencialmente um planeamento de carreira, que se reflecte na colocação prática de planos que o indivíduo vai desenvolvendo para sua vida com o propósito de conseguir alcançar os seus objectivos. Por último, o indivíduo centra-se na avaliação da situação de forma a reflectir sobre a possibilidade de alcançar os seus objectivos e/ou reformulá-los.

Assente na ideia de Super (1990) que preconiza que uma orientação para o futuro pressupõe um planeamento de carreira mais adaptado, depreende-se que os sujeitos que se encontram mais orientados para o futuro tendem a tomar as suas decisões de carreira de forma mais adequada. Diversos estudos empíricos têm vindo a confirmar esta assumption (Super,1990). Num estudo realizado com estudantes portugueses e com recurso a modelos de equações estruturais, Janeiro (2010) confirmou a existência de efeitos significativos e importantes da perspectiva temporal de futuro nas atitudes de carreira, salientando assim a importância dos objectivos e de uma visão optimista do futuro como determinante para o desenvolvimento do processo de exploração e planeamento vocacional.

De igual modo, uma investigação empírica levada a cabo com adolescentes italianos constatou que os jovens que demonstravam um maior envolvimento no seu desenvolvimento vocacional apresentavam igualmente níveis de motivação mais adequados e pareciam comprometer-se mais activamente na execução dos seus objectivos futuros (Ferrari, Nota & Soresi, 2010).

Na mesma linha Paixão (2004) concluiu que os sujeitos que apresentavam um comportamento exploratório mais adequado e que simultaneamente demonstravam uma maior capacidade para se adaptar ao seu percurso vocacional tendiam a desenvolver objectivos de carreira a longo prazo.

Dada a relevância inerente da dimensão da perspectiva temporal no campo da psicologia vocacional, vários autores têm-se debruçado na investigação das diferenças de género relativas à natureza da variável em questão. Deste modo, num estudo de Janeiro (2006), a autora constatou que no 9º e 12ºanos as raparigas manifestavam tendencialmente um maior número de atitudes de exploração de carreira, comparativamente aos rapazes. Na mesma linha Walker e Tracey (2012) constataram

que o sexo feminino demonstrava uma maior preparação e envolvimento no planeamento e tomada de decisão de carreira quando comparada com o sexo masculino.

1.3. Teoria de construção de carreira de Savickas

A reestruturação das ocupações, as novas exigências no exercício da profissão, bem como a instabilidade e imprevisibilidade do mundo do trabalho ilustram algumas das mudanças que têm surgido ao longo dos anos e que exigem uma nova visão do conceito de desenvolvimento de carreira (Savickas, 2013). Uma vez que os moldes em que a carreira se constrói e se desenvolve na actualidade diferem da forma como esta era encarada e vivida no passado, surge a necessidade de se reflectir sobre novos conceitos e abordagens que permitam explicar de que forma o indivíduo constrói a sua carreira (Savickas, 2013).

Partindo dos contributos teóricos de Super (1990), Savickas (2013) apresenta uma nova teoria de carreira que visa proporcionar uma maior compreensão da construção de carreira na actualidade, assumindo que a mesma necessita ser compreendida, de um ponto de vista contextualista e construtivista. A carreira, anteriormente entendida como o conjunto de posições ocupadas pelo indivíduo desde a escola até à reforma, é, segundo esta teoria, definida como um padrão das experiências vividas pelo indivíduo, assim como o significado e importância atribuídos às mesmas (Savickas, 2013).

O autor destaca na sua teoria o papel que a perspectiva diferencial, desenvolvimentista e narrativa da psicologia apresentam no desenvolvimento do seu corpo teórico. Atentando na perspectiva narrativa do aconselhamento vocacional, o autor enfatiza o papel desempenhado pelas narrativas de identidade, compreendidas como uma fonte de informação para o psicólogo acerca da forma como os sujeitos lembram os acontecimentos, e apreendem as suas experiências. No seu referencial teórico Savickas (2013), defende que esta dimensão proporcionará uma compreensão acerca dos temas de vida dos indivíduos e o significado que lhes está subjacente.

Na perspectiva diferencial, Savickas (2013), salienta as diferenças individuais atendendo aos valores, interesses e capacidades diferenciados, que possibilitam a adaptação do sujeito a novos contextos e situações, permitindo por isso que o sujeito invista em novas possibilidades ao longo do seu desenvolvimento de carreira.

Para concluir, o autor aborda na sua teoria construtivista, a dimensão da adaptabilidade de carreira, descrita como um constructo psicossocial marcado pela capacidade para ultrapassar tarefas desenvolvimentistas, problemas e transições assim como pressupõe adaptação a novos contextos e possibilidades (Savickas, 2013).

Com efeito, de acordo com Savickas (2013) é através desta capacidade do indivíduo para transpor tarefas e problemas e para se adaptar aos imprevistos da sua vida que o sujeito constrói a sua carreira. Ou seja, é a adaptabilidade de carreira preconizada por um conjunto de estratégias colocadas em prática pelo sujeito que permite que o sujeito implemente o seu auto-conceito nos diversos papéis ocupacionais que desempenhará na sua vida, possibilitando-lhe a construção da sua carreira (Savickas, 2013).

Como referido anteriormente, a adaptabilidade de carreira integra um conjunto de estratégias e recursos que possibilitam que o sujeito construa a sua carreira, ultrapassando desta forma as tarefas e problemas com que se depara e adaptando-se a novas situações. Assim, as quatro dimensões que permitirão a construção de carreira do sujeito comprometem atitudes, crenças e competências de carreira diferenciadas no sujeito (Savickas, 2013).

A primeira e mais importante dimensão é definida como *Preocupação de carreira* e como o próprio nome indica, caracteriza-se pela preocupação do sujeito em escolher uma ocupação para o seu futuro. Efectivamente, estar preocupado com o desenvolvimento de carreira pressupõe que o indivíduo desenvolva os seus planos de forma consciente, atentando à necessidade de ultrapassar tarefas, transições e escolhas que o conduzam para os seus objectivos futuros. Desta maneira, um sujeito preocupado é aquele que se envolve em actividades e experiências propiciadoras das suas competências de planeamento de carreira (Savickas, 2005).

A *Curiosidade*, por sua vez, é igualmente uma das dimensões da adaptabilidade de carreira. Esta estratégia ou recurso encontra-se intimamente ligada a uma atitude inquisitória por parte do sujeito, que tende a fomentar o seu comportamento exploratório e que se caracteriza pela preocupação em adquirir informação ocupacional (Savickas, 2005). Por outras palavras, o indivíduo curioso é aquele que se questiona sobre si e sobre o mundo, mostrando-se receptivo a novas experiências que lhe darão a possibilidade de experimentar novos *selves* e papéis de vida. Através destas experiências desenvolvidas o sujeito vai actualizando o seu auto-conceito. (Savickas, 2005).

De modo a adaptar-se adequadamente às imprevisibilidades e possibilidades que surgem ao longo do desenvolvimento de carreira, Savickas faz referência a uma dimensão denominada de *Confiança*, referindo que esta estratégia se encontra associada à crença que o indivíduo possui para decidir de forma eficiente (Savickas & Porfeli, 2011). Uma vez que as escolhas e decisões de carreira pressupõem à partida problemas e desafios que necessitam de ser resolvidos e ultrapassados, o indivíduo confiante é aquele que tenderá a antecipar eficazmente a solução para o seu problema (Savickas, 2005).

Por último, a *Consulta* é compreendida como a última dimensão da adaptabilidade de carreira e aquela em que o indivíduo procura o aconselhamento de outros sujeitos para o ajudar a colocar em prática as suas decisões de carreira. Os conselhos dados pelos diversos agentes assentam fundamentalmente na forma como se devem concretizar escolhas realistas e eficazes, em detrimento de uma escolha de uma ocupação específica (Savickas & Porfeli, 2011).

Importa ainda mencionar que existem estudos que demonstram que sujeitos com menores níveis de preocupação, curiosidade, confiança e consulta tendem a demonstrar uma maior dificuldade de adaptação às tarefas e imprevisibilidades que surgem ao longo da carreira (Savickas, 2013).

1.4. Papel da Família no Desenvolvimento de Carreira

A família tem vindo a ser considerada desde sempre como um dos contextos mais importantes na dinâmica do desenvolvimento vocacional (e.g. Gonçalves & Coimbra, 2007; Super 1950).

No entanto, o foco de investigação dos primeiros estudos referentes à dinâmica familiar assentava sobretudo na importância de variáveis estruturais como o nível de escolaridade ou nível ocupacional dos pais, destacando estes factores como sendo preditivos do desenvolvimento vocacional do adolescente (Whiston & Keller, 2004). Contudo, a generalidade das investigações realizadas nos últimos anos têm-se centrado sobretudo no estudo da influência parental no desenvolvimento vocacional, através do estudo dos sistemas familiares (Bratcher, 1982), dos tipos parentais (Baumrind, 1966) e dos estilos de vinculação (Blustein 1991, 1995, 2002).

Bratcher (1982) contribuiu com o seu referencial teórico para a investigação sobre a influência da família na escolha de carreira, assentando a sua ideologia numa

perspectiva psicológica e sociológica. O autor, baseando-se no corpo teórico dos sistemas familiares, advoga que os princípios, as crenças e os mitos transmitidos na família, ao longo de gerações influenciam o desenvolvimento de determinados comportamentos e atitudes no sujeito. De acordo com a presente teoria, a construção dos projectos de vida dos sujeitos é moldada pelas barreiras (internas ou externas) percebidas pelos jovens.

Baseando-se na teoria dos sistemas familiares, Lopez e Andrews (1987) constataram que a indecisão vocacional dos adolescentes poderá ser explicada pela dinâmica familiar de determinados pais que se envolvem de modo excessivo nas trajetórias vocacionais dos seus filhos, promovendo uma maior dificuldade de decisão no sujeito no que respeita às suas escolhas vocacionais. Assim, os filhos ao percepcionarem o exagerado comprometimento dos seus pais nos seus percursos vocacionais tendem a manifestar um maior nível de indecisão de carreira que está subjacente à dificuldade dos mesmos em decidirem escolher uma carreira que vai ao encontro dos seus interesses, ou por outro lado, uma carreira que seja imposta pelos seus familiares (Lopez & Andrews, 1987).

Outros autores como Whiston (1996) também se debruçaram sobre o estudo do papel da família no desenvolvimento de carreira, nomeadamente na sua relação com a auto-eficácia na decisão de carreira e com o sentimento de segurança percepcionado pelo sujeito no momento da escolha de carreira. Na sua investigação, a autora constatou que as raparigas pertencentes a um meio familiar controlado e organizado tendiam a necessitar de um menor apoio familiar para tomar as suas decisões, uma vez que estas se sentiam mais seguras e confiantes nas decisões que levavam a cabo.

Igualmente, Keller e Whiston (2008) constataram que os pais que consideram a idiosincrasia dos seus filhos e, que por conseguinte, consideram os seus objectivos e as suas opiniões, tendem a promover nos seus filhos maiores níveis de auto-eficácia na tomada de decisão e níveis mais elevados de maturidade vocacional.

Blustein (1991, 1995, 2002) foi um dos autores mais emblemáticos nas investigações sobre a relação entre a dimensão familiar e o desenvolvimento de carreira, focando-se na perspectiva relacional como base para as suas investigações. O autor fundamenta os seus estudos no campo teórico da teoria de vinculação de Ainsworth (1989), nomeadamente na constatação que os laços afectivos ou de vinculação entre o cuidador e a criança proporcionam um sentimento de segurança à criança que lhe facilitará o desenvolvimento de uma actividade exploratória direccionada para o auto-

conhecimento e meio envolvente, dinâmicas que se constituem como cruciais no desenvolvimento de carreira (Blustein et al., 2002).

Este pressuposto teórico vai ao encontro da perspectiva de Grotevant e Cooper (1988) que constata que, uma vez que o sujeito se sente mais seguro e menos ansioso, fruto da relação de vinculação estabelecida com o seu cuidador, tende a demonstrar uma maior facilidade para enfrentar situações desafiantes, de tal forma que demonstra maior propensão para enveredar por um comportamento exploratório.

Concretizando esta ideia, numa investigação realizada com estudantes, Ketterson e Blustein (1997) constataram que a vinculação existente entre o cuidador e o adolescente predizia o seu comportamento exploratório, salientando especificamente que elevados níveis de vinculação afectiva e cognitiva com os pais encontravam-se associados a um comportamento exploratório mais adequado e rico por parte do sujeito e igualmente a um maior desenvolvimento do planeamento de carreira (Kenny, 1990; Lee & Hughey, 2001).

Na mesma linha, as investigações empíricas concretizadas por Blustein e seus colaboradores (1991) apontam igualmente para a importância da vinculação no comprometimento das escolhas de carreira, constatando que os indivíduos que manifestam níveis mais elevados de vinculação com um dos cuidadores apresentam um maior compromisso nas suas escolhas de carreira (Blustein et al., 1991).

Os autores como Choi, Hutchinson, Lernberger e Pope (2012) identificaram diferenças significativas entre o sexo feminino e masculino no que concerne ao nível de vinculação estabelecido com o cuidador e, consequentemente, nos níveis de maturidade apresentados pelos adolescentes.

Constatou-se nesta investigação que as raparigas tendiam a apresentar níveis de vinculação mais elevados na sua relação com os pais, assim como maiores níveis de maturidade vocacional. Contrariamente, os rapazes constataavam níveis mais reduzidos de vinculação com os mesmos e consequentemente níveis mais reduzidos de maturidade vocacional. As conclusões extraídas desta investigação enfatizam o referencial teórico descrito anteriormente, que nota que um maior nível de vinculação desenvolvido com o cuidador tende a proporcionar níveis mais adequados de maturidade de carreira.

A teoria de Baumrind (1966) serviu igualmente de base para a investigação do modo como os tipos parentais influenciam de forma diferenciada o desenvolvimento de carreira dos adolescentes.

Nesta teoria, a autora faz referência a diferentes tipos parentais, o tipo autoritário, o tipo autoritativo e o tipo negligente. No campo empírico, num estudo com estudantes alemães que frequentavam o 9º ano de escolaridade, Kracke (1997) constatou que o estilo parental autoritativo se encontra positivamente relacionado com o desenvolvimento de actividades auto-exploratórias e de exploração do mundo do trabalho. Noutro estudo realizado por Koumoundourou, Tsaousis e Kounenou (2010) os autores concluíram que os estilos parentais permissivos e autoritários contribuíam para prever dificuldades na tomada de decisão de carreira de indivíduos do sexo masculino. Contrariamente no sexo feminino, as raparigas demonstravam que o estilo parental autoritário parecia influenciar de forma positiva as suas decisões de carreira.

Esta mesma investigação constatou igualmente que existem diferenças entre rapazes e raparigas no que respeita aos níveis de maturidade vocacional. Nesta linha, as raparigas que apresentavam maiores níveis de maturidade vocacional eram aquelas que tendencialmente eram oriundas de famílias marcadas por vínculos psicológicos de maior consistência e por um sentimento de dependência recíproca. Esta constatação vem ao encontro de uma investigação de Schultheiss e Blustein (1994), em que os autores verificaram que as raparigas mais dependentes das atitudes dos seus pais e que simultaneamente manifestavam um forte vínculo emocional com os mesmos tendem a demonstrar níveis mais adequados de autonomia e facilidade na determinação de objectivos académicos. A este propósito Seligman (1994) advoga também que um dos determinantes mais importantes da maturidade de carreira no sexo feminino assenta na dimensão da coesão familiar.

A relação entre a influência da família e o desenvolvimento da perspectiva temporal de futuro foi analisada por Nurmi (1991). De acordo com este autor, a família é um contexto que exerce significativa influência no modo como potencia a perspectiva temporal de futuro dos jovens. O apoio e as atitudes de encorajamento dados pelos pais parecem influenciar de forma determinante o planeamento e, por conseguinte, os objectivos futuros dos adolescentes.

Todavia, para além dos aspectos relacionais, outros aspectos da influência familiar parecem ser importantes no âmbito vocacional. Num estudo que pretendia avaliar a relação entre o estatuto sócio-económico e a orientação para o futuro do indivíduo, Nurmi (1991) concluiu que os indivíduos de estratos sócio-económicos mais desenvolvidos tendencialmente demonstram um maior planeamento em tarefas de cariz vocacional assim como uma maior orientação para o futuro. Na realidade, Freire,

Gorman e Wessman (1980) evidenciaram igualmente nas suas investigações que os sujeitos de estratos sócio-económicos mais elevados tendem a demonstrar uma maior capacidade para adiar gratificações no presente, comparativamente aos sujeitos de estratos sócio-económicos menos favorecidos.

1.5. Influência de variáveis/factores contextuais específicas no desenvolvimento de carreira: expectativas familiares; apoio financeiro; apoio informativo; crenças e valores

Fouad e Kantamneni (2008) adaptaram o modelo de Bronfenbrenner (1986) desenvolvendo uma teoria que pretende compreender de que forma as influências recíprocas do contexto influenciam o desenvolvimento vocacional dos indivíduos, nomeadamente as suas decisões de carreira. Segundo este, o contexto é categorizado em dois grupos distintos de factores, sendo um destes constituído por dimensões como o género, a raça, a etnia, a classe social e a família, enquanto o outro factor é composto pelas dimensões da aculturação e da cultura de origem. Por último, as dimensões individuais compreendidas como as capacidades, interesses e valores do sujeito eram intersectadas com os dois grupos distintos de factores de contexto descritos anteriormente. Um exemplo ilustrativo desta relação entre as diversas dimensões, é a constatação que os interesses dos sujeitos podem ser moldados pela expectativa dos seus familiares e pela religião a que pertencem.

Fundamentados numa revisão de literatura consistente, e partindo da importância da dinâmica familiar no desenvolvimento de carreira, os autores Fouad e colaboradores (2010) desenvolveram a Escala de Influência Familiar *Family Influence Scale* com o objectivo de avaliar a percepção de jovens e adultos na tomada de decisão de carreira, através da análise da percepção do apoio financeiro, do apoio informativo, das expectativas familiares e das crenças e valores de carreira concedido pelos seus familiares.

De acordo com estes autores, a integração da dimensão do apoio financeiro na escala referida é relevante uma vez que numa investigação conduzida com estudantes asiáticos, constatou-se que a percepção que os sujeitos têm do apoio financeiro familiar é uma das dimensões mais influenciadoras no processo de tomada de decisão de carreira dos sujeitos. Segundo Fouad e colaboradores (2008) a percepção que os sujeitos têm do apoio financeiro proporcionado pela família encontra-se fortemente relacionada com a

obtenção de um grau académico que permita que o indivíduo escolha a carreira que mais deseja e que vá ao encontro dos seus interesses.

Na mesma linha de investigação, um estudo empírico de Nelson e colaboradores (2006) concluiu que os sujeitos de extractos sócio-económicos mais baixos tendiam a deparar-se com um maior número de obstáculos aquando do prosseguimento de uma educação de nível mais avançado. Concomitantemente Blustein e colaboradores (2002) referem que a classe social a que o sujeito pertence pode restringir o acesso a determinados recursos essenciais para a delimitação das aspirações e objectivos de carreira do sujeito.

Por outro lado, o apoio informativo proporcionado pelos familiares aos seus filhos desempenha igualmente um papel relevante no desenvolvimento vocacional. Kracke (2002) constatou numa investigação com estudantes alemães do 9ºano que os pais que se mostravam disponíveis para debater com os seus filhos sobre assuntos relativos à carreira e que simultaneamente os auxiliavam a planear uma ocupação tendiam a promover uma maior prontidão para um comportamento exploratório de carreira dos seus filhos.

Para além do apoio financeiro e do apoio informativo, as expectativas familiares demonstram também a sua relevância na construção dos projectos de vida dos sujeitos. Assim sendo, Fouad e colaboradores (2008) definiram o conceito de expectativas familiares como as expectativas que a família de um indivíduo apresenta no processo de desenvolvimento de carreira do mesmo, baseadas no desejo que os familiares têm que os jovens escolham uma carreira específica, na maioria das vezes de nível mais avançado, de cariz prestigiante, bem como de elevado estatuto. Num estudo levado a cabo com estudantes asiáticos constatou-se que as expectativas familiares parecem determinar nos adolescentes o desenvolvimento dos seus interesses e valores e consequentemente a construção dos seus objectivos individuais de carreira.

Importa ainda mencionar que, não raramente, muitos autores se debruçaram sobre a importância da cultura de origem do sujeito no papel determinante como molda o percurso educacional dos indivíduos e na forma como estes se comprometem a explorar a sua carreira e influenciando-os na forma como estes vêem a carreira e qual o significado que lhes dão (Fouad & Katamneni, 2008). Na mesma investigação Fouad e colaboradores (2008) constataram que os valores partilhados pela família ou pela cultura podem influenciar o leque de escolhas ocupacionais, limitando-o ou

aumentando-o, uma vez que é a família que conduz o sujeito para a escolha de uma ocupação onde este possa colocar em prática os valores preconizados pela família.

Em suma, os resultados e constatações retirados da breve amostra de investigações e referencial teórico subjacente concluem que diversas teorias se têm centrado na utilização de diferenciados constructos da dimensão familiar na previsão ou associação dos diversos determinantes da maturidade vocacional e perspectiva temporal.

Objectivos e Hipóteses de estudo

O presente estudo tem como propósito fundamental tentar compreender qual a percepção que os adolescentes têm acerca da influência dos seus familiares no seu desenvolvimento vocacional. Mais especificamente, pretende-se analisar de que forma os adolescentes experienciam esta influência familiar na sua trajectória vocacional, nomeadamente no que toca ao apoio financeiro e informativo, às expectativas de familiares e às crenças e valores.

Com esta investigação procurar-se-á de igual modo compreender qual a relação existente entre as dimensões familiares, os determinantes do desenvolvimento vocacional e o género.

Tendo por base os propósitos da investigação e a revisão de literatura, elaboraram-se as seguintes hipóteses:

H1: Espera-se que a percepção do apoio familiar se relacione positivamente com a adaptabilidade de carreira;

H2: Espera-se que a percepção do apoio familiar se relacione positivamente com a Orientação Temporal de Futuro;

H3: Espera-se que existam diferenças entre géneros no apoio familiar percebido e nas várias dimensões da adaptabilidade de carreira.

Capítulo 2 – Método

No presente capítulo irão ser apresentadas as características metodológicas deste estudo. Primeiramente será feita uma descrição dos instrumentos utilizados e a caracterização dos procedimentos efectuados. Por fim, serão apresentadas as condições de aplicação dos instrumentos e os participantes do estudo.

2.1. Instrumentos

No presente estudo foram utilizados quatro instrumentos: *um Questionário de dados sócio – demográficos*, a *Escala de Influência Familiar (FIS)*; o *Inventário de Maturidade de Carreira: Versão Adaptabilidade (CMI- C)* e o *Inventário de Perspectiva Temporal (IPT)*.

2.1.1. Questionário de Dados Sócio-Demográficos

Este questionário foi elaborado com vista a obter informação exclusiva acerca da idade e do sexo dos participantes.

2.1.2. Escala de Influência Familiar

a) Versão Americana

A *Family Influence Scale* foi desenvolvida por Fouad, Cotter, Fitzpatrick, Kantamneni, Carter e Bernfeld (2010) e tem como propósito avaliar quais as percepções de adolescentes e adultos sobre a forma como a família de origem influencia as suas escolhas de carreira. O referencial teórico que partiu de base para a construção e desenvolvimento desta escala baseou-se numa contínua e longa revisão de literatura. No final, os autores identificaram quatro factores que correspondem às quatro escalas da FIS. A *Family Influence Scale* é constituída por 22 itens que se dividem nas quatro diferentes sub-escalas: Apoio informativo (8 itens); Expectativas familiares (6 itens); Apoio financeiro (5 itens) e Crenças/Valores (3 itens). As respostas aos itens apoiaram-se na utilização da escala de *Likert* de 6 pontos (1= Discordo Fortemente a 6= Concordo Fortemente).

A *Family Influence Scale* apresenta coeficientes de precisão satisfatórios para os quatro factores, variando entre .75 na sub-escala Crenças e Valores e os .89 na sub-escala Apoio Informativo.

Com efeito, as sub-escalas apresentam os seguintes índices de consistência interna, Apoio Informativo (.89); Expectativas Familiares (.82), Apoio Financeiro (.82) e Crenças e Valores (.75).

b) Tradução e adaptação para português

A tradução da escala assentou em primeiro lugar na tradução dos itens por parte de dois peritos do campo da Psicologia Vocacional. Seguidamente foi pedida a colaboração a uma tradutora de forma a poder proceder-se à tradução o mais fiel possível dos itens da escala americana para a língua portuguesa.

Uma primeira versão da Escala de Influência Familiar foi aplicada a um grupo de quatro rapazes que frequentavam o 9º ano de escolaridade numa escola diferente daquela onde foi realizada a aplicação dos instrumentos. Esta aplicação visava compreender se os itens eram facilmente percebidos pelos sujeitos. A aplicação piloto realizada serviu para refinar a elaboração de alguns itens.

Tal como a versão americana, a versão portuguesa conta também com 22 itens.

2.1.3. *Career Maturity Inventory* (CMI - C)

O *Career Maturity Inventory* – Counseling Form C é um instrumento utilizado com o objectivo de compreender as atitudes dos sujeitos relativamente à tomada de decisão de carreira e ao estado de prontidão para fazer escolhas ocupacionais (Savickas & Porfeli, 2011).

Concretamente, este inventário pretende avaliar de que forma os adolescentes estão orientados e envolvidos no processo de decisão de carreira, nomeadamente na exploração do mundo do trabalho e na procura de informação ocupacional. A confiança que o indivíduo possui para realizar decisões de carreira acertadas e a forma como o sujeito procura conselhos com outras pessoas para realizar as suas decisões de carreira são igualmente dimensões avaliadas por este inventário (Savickas & Porfeli, 2011).

Este instrumento é constituído por 24 itens que se agrupam em quatro dimensões da Adaptabilidade de Carreira: Preocupação (6 itens); Curiosidade (6 itens), Confiança (6 itens) e Consulta (6 itens). Relativamente à sub-escala Consulta, os itens 8. “Quando há dúvidas sobre o que quero fazer, pede-se conselhos aos pais e amigos”, 12. “Quando se trata de escolher uma carreira, peço a outras pessoas que me ajudem”, 20. “É importante trocar ideias com os amigos mais próximos antes de fazer uma escolha

profissional” e 24. “Ao fazer escolhas de carreira deve-se ter em atenção os pensamentos e sentimentos das pessoas da família” são inversamente codificados.

O formato de resposta aos itens do *Inventário de Maturidade de Carreira* assenta nas denominações de “Concordo” e “Discordo”. As quatro escalas do inventário apresentam adequados níveis de consistência interna, .62 na sub-escala Preocupação, .69 na sub-escala Confiança, .74 Curiosidade e .78 na sub-escala Consulta.

2.1.4. O *Inventário de Perspectiva Temporal* (IPT)

O *Inventário de Perspectiva Temporal* (IPT) é uma escala que tem como objectivo avaliar a perspectiva temporal do indivíduo nos marcos temporais: passado, presente e futuro (Janeiro, 2012). O *Inventário de Perspectiva Temporal* é constituído por 32 itens que se agrupam em quatro sub-escalas: Orientação para o Futuro (16 itens); Orientação para o Presente (8 itens); Orientação para o Passado (4 itens) e Visão Ansiosa do Futuro (4 itens). As três primeiras sub-escalas são codificadas de forma uniforme, à excepção da sub-escala Orientação Temporal de Futuro que apresenta quatro itens inversamente codificados/cotados, o item 12. “Tenho poucas ideias sobre o que quero fazer no futuro”; o item 20. “Quando penso no futuro tenho medo de vir a fracassar”, o 22. “Não gosto de me imaginar num futuro distante” e 24. “Tenho apenas uma vaga ideia do que irei fazer no futuro”.

As respostas aos itens do IPT baseiam-se na escala de *Likert* de 7 pontos, relativamente ao grau de concordância de cada sujeito em cada um dos itens constituintes no Inventário. As escalas constituintes do Inventário apresentam níveis satisfatórios de precisão, especificamente .50 na sub-escala Orientação Temporal para o Passado, .70 na sub-escala Visão Ansiosa do Futuro, .76 Orientação Temporal para o Presente e .86 na sub-escala de Orientação Temporal para o Futuro.

2.2. Procedimentos

2.2.1. Condições de Aplicação

Numa primeira fase procedeu-se ao preenchimento do Requerimento de Aprovação de Projecto de Investigação (RAPI) sendo posteriormente submetido à Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. O Requerimento teve a sua aprovação em Janeiro de 2014.

Numa fase posterior procedeu-se ao contacto com a instituição de ensino pública e seguidamente foi pedido o consentimento à escola para se proceder à investigação.

Por último, estabeleceu-se o contacto com os directores de turma das turmas do 9º ano de escolaridade com vista a entregar os pedidos de autorização aos alunos, de forma a serem entregues aos encarregados de educação, para se proceder à marcação das aplicações dos instrumentos.

As aplicações ocorreram ao longo de dois meses, desenrolando-se entre Março e Abril e maioritariamente nas aulas de Formação Cívica. Foi explicado aos alunos que a resposta aos questionários era voluntária, que estes poderiam desistir a qualquer momento e que não existiam respostas correctas ou erradas. Apelou-se à sinceridade dos participantes, salientando o carácter anónimo e confidencial dos dados obtidos. A aplicação dos instrumentos teve uma duração média de 45 minutos. Os instrumentos foram apresentados com a seguinte ordem: *Questionário de Dados Sócio-demográficos*, *Escala de Influência Familiar*, *Inventário de Perspectiva Temporal* e *Inventário de Maturidade de Carreira*.

2.2.2. Participantes

No estudo participaram 151 alunos que frequentavam o 9º ano de escolaridade de uma escola pública de 2º e 3º ciclos e Ensino Secundário. A Tabela 2.1 apresenta a distribuição por idades dos participantes.

Tabela 2.1. Distribuição dos participantes por idades

	N	%
14	87	57.6
15	53	35.1
16	9	6.0
17	1	.7
18	1	.7
Total	151	100

Como se verifica pela observação da Tabela 2.1, os participantes do estudo apresentavam idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, situando-se a média de idade em 14.57 com desvio padrão.78. No que concerne ao género, 51% dos alunos pertenciam ao sexo masculino e 49% ao sexo feminino.

Capítulo 3 – Resultados

O presente capítulo destina-se à apresentação dos resultados obtidos da investigação realizada, encontrando-se dividido em três partes: na primeira parte encontra-se descrita a análise das características psicométricas da *Escala de Influência Familiar*, onde se apresenta a análise em componentes principais e o estudo dos coeficientes de precisão das sub-escalas. Na segunda parte é efectuado o estudo da consistência interna dos outros instrumentos utilizados no estudo e efectuada a análise de correlações entre as escalas do *Inventário de Maturidade na Carreira* (CMI), do *Inventário de Perspetiva Temporal* (IPT) e *Escala de Influência Familiar*. Finalmente, na terceira parte deste capítulo apresentam-se os resultados das comparações dos resultados médios segundo o género dos participantes.

3.1. Análise das características Psicométricas da *Escala de Influência Familiar*

3.1.1. Estatísticas descritivas ao nível dos itens

A Tabela 3.1. indica as estatísticas descritivas dos resultados obtidos pelo total dos participantes em cada item da presente escala.

Como se verifica na tabela 3.1. as respostas dadas pelos participantes aos itens da escala variam entre 1 e 6 na maioria dos itens, à excepção dos itens 4 e 19 em que as respostas variam entre os valores 2 e 6. O intervalo das médias de resposta varia entre 2.09 (item11) e 4.87 (item4). Os itens que apresentam resultados mais elevados (resultados de maior concordância) são o item 4 e 18. Em termos de dispersão os itens 12 e 20 são aqueles que apresentam maior variabilidade de respostas.

Tabela 3.1. Distribuição dos resultados dos itens

Item	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
1	1	6	4.28	1.12
2	1	6	3.98	1.09
3	1	6	4.23	1.15
4	2	6	4.87	.97
5	1	6	4.26	1.23
6	1	6	3.96	1.20
7	1	6	4.44	1.25
8	1	6	4.48	1.25
9	1	6	3.95	1.45
10	1	6	2.62	1.50
11	1	6	2.09	1.34
12	1	6	3.03	1.67
13	1	6	2.41	1.37
14	1	6	2.29	1.35
15	1	6	3.40	1.34
16	1	6	4.25	1.23
17	1	6	2.41	1.30
18	1	6	4.75	1.18
19	2	6	4.69	1.09
20	1	6	2.60	1.56
21	1	6	2.91	1.51
22	1	6	2.75	1.54

3.1.2. Análise factorial

Com o objectivo de testar a estrutura factorial da Escala de Influência Familiar, efectuou-se primeiramente a análise de componentes principais ao nível dos itens. Através da análise dos resultados do teste de Kaiser – Meyer-Olkin (.812) e do teste da esfericidade de Bartlett ($p < .001$) concluiu-se que a amostra de participantes era adequada para se poder realizar a análise factorial (Maroco, 2011).

Posteriormente procedeu-se à análise do *Scree Plot* e constatou-se que o ponto de corte estaria entre os componentes 4 e 5. Uma vez que na escala original foram extraídos 4 factores, decidiu escolher-se uma solução de análise de 4 componentes que no total explicam 56,1% da variância dos resultados.

Na tabela 3.2. estão descritos os resultados da análise de componentes principais (ACP) ao nível dos itens após rotação *Varimax*.

Tabela 3.2. Análise de componentes principais ao nível dos itens, Matriz após rotação Varimax

Item	Componente			
	1	2	3	4
1	,46	-,06	,11	-,01
2	,48	-,10	,12	,06
3	,79	-,06	,08	,09
4	,69	,01	-,21	,14
5	,69	-,08	,04	,14
6	,64	,06	,17	,2
7	,79	,06	,02	,19
8	,48	,00	-,03	,44
9	,18	,37	,07	,07
10	-,25	,67	,29	,07
11	-,33	,50	,36	-,12
12	-,05	,70	,12	-,07
13	,05	,67	,52	-,10
14	,19	,62	,36	-,16
15	,11	,72	-,12	-,09
16	,26	,12	-,00	,74
17	-,08	,32	,13	-,59
18	,12	-,06	-,05	,86
19	,26	-,20	-,17	,71
20	-,05	,09	,84	-,03
21	,10	,12	,72	-,07
22	,07	,20	,81	-,13

Através da visualização da tabela é possível verificar que todos os itens apresentam um peso factorial acima de .40 numa das 4 componentes, à excepção do item 9 (“A minha família espera que eu escolha uma carreira que tenha um determinado prestígio”) que apresentou índices de saturação abaixo deste valor critério nas quatro componentes. No entanto, este item satura a .37 no componente 2.

Desta forma, a análise da Tabela 3.2. permite constatar que a primeira componente que explica cerca de 23% da variância dos resultados é definida pelos 8 primeiros itens que correspondem à sub-escala Apoio Informativo (e.g. “A minha família partilha comigo informação sobre como encontrar um emprego”). A segunda componente que explica cerca de 19% da variância é constituída pelos itens de 9 a 15 que dizem respeito à sub-escala Expectativas Familiares (e.g. “A minha família espera que eu tome opções na carreira de modo a que não os envergonhe”). Os 4 itens que apresentam elevados níveis de saturação na terceira componente explicam cerca de 7% da variância e correspondem à sub-escala Apoio Financeiro (e.g. “Como a minha família me apoia financeiramente, posso-me focar no desenvolvimento da minha carreira”). Por último, a quarta componente explica cerca de 6% da variância dos resultados e é formada pelos itens 3 que apresentam a sub-escala Crenças e Valores (e.g. “A minha família espera que eu tenha em consideração a minha religião/ espiritualidade aquando das minhas decisões de carreira”). No entanto, o item 8 satura também na sub-escala do Apoio Financeiro e o item 13 satura igualmente na sub-escala Crenças e Valores.

Tabela 3.3. Estatísticas descritivas das sub-escalas (N=151)

	Apoio Informativo	Expectativas familiares	Apoio financeiro	Crenças e Valores
Média	4.3	2.82	4.02	2.75
Moda	4.5	2.42	3.75	1
DP	.82	.95	.64	1.28
Mínimo	1	1	2	1
Máximo	6	6	6	6
Quartis 25	3.75	2.14	3.75	1.25
50	4.3	2.82	4.02	2.75
75	4.87	3	4.5	4

Relativamente às sub-escalas, as médias variam entre 2,75 (na sub-escala Expectativas Familiares) e 4,3 (na sub-escala Apoio Informativo). A sub-escala do Apoio Financeiro é aquela que apresenta menos variabilidade nos resultados, contrariamente à sub-escala das Crenças e Valores que é aquela que apresenta maior variabilidade.

A Tabela 3.4. indica os coeficientes de precisão das quatro sub-escalas com e sem exclusão de um item, compreendendo assim a contribuição que cada um dos itens na sub-escala específica.

Tabela 3.4. Coeficientes alfa por sub-escala e se excluído o item.

Apoio informativo ($\alpha = .85$)		Expectativas familiares ($\alpha=.80$)		Apoio financeiro ($\alpha=.76$)		Crenças e Valores ($\alpha=.76$) ($\alpha=.77$)	
Item	Alfa	Item	Alfa	Item	Alfa	Item	Alfa
1	.84	9	.80	16	-.40	20	.66
2	.84	10	.73	17	.76	21	.77
3	.82	11	.76	18	-.40	22	.67
4	.84	12	.74	19	-.28		
5	.85	13	.72				
6	.84	14	.75				
7	.82	15	.77				
8	.84						

Analisando os dados descritos na tabela verifica-se que os valores dos coeficientes de alfa das quatro sub-escalas apresentam valores satisfatórios para todas as sub-escalas. Concretizando, os alfas das sub-escalas apresentam os seguintes valores .76 na sub-escala Apoio Financeiro (se o item 17 for excluído), .77 na sub-escala Crenças e Valores (se item 2 excluído), .80 na sub-escala Expectativas Familiares e por fim .85 na sub-escala Apoio Informativo. Posteriormente à análise em componentes principais e à análise da precisão decidiu excluir-se o item 17 para análises posteriores.

Tabela 3.5 Matriz de correlações (N=151)

	Apoio informativo	Expectativas familiares	Apoio financeiro	Crenças e Valores
Apoio informativo	1	.01	.30**	.09
Expectativas Familiares	.01	1	.18*	.52**
Apoio financeiro	.30**	.18*	1	-.02
Crenças e Valores	.09	.52**	-.02	1

Procedendo-se à análise da Tabela 3.5 verifica-se que existem dois pares de sub-escalas que apresentam uma correlação significativa entre si. As sub-escalas Crenças e Valores e Expectativas Familiares são as sub-escalas mais positivamente correlacionadas entre si ($r=.52$). Apesar de apresentarem um índice de correlação mais baixo do que as anteriores, as sub-escalas Apoio Financeiro e Apoio Informativo também se correlacionam de forma significativa ($r=.30$). Por fim, as sub-escalas Apoio Financeiro e Expectativas Familiares apresentam correlações mais baixas que as anteriores, apesar de ainda significativas ($r=.18$).

3.2. Análise das características psicométricas do IPT e CMI e as suas correlações com a FIS

Tabela 3.6 Matriz de correlações das três escalas e os respectivos alfas das sub-escalas

	Apoio informativo	Expectativas familiares	Apoio financeiro	Crenças e Valores
Preocupação ($\alpha=.60$)	.32**	-.23**	.15	-.25**
Confiança ($\alpha=.70$)	.16	-.24**	.04	-.14
Curiosidade ($\alpha=.67$)	.21**	-.22**	.11	-.14
Cooperação ($\alpha=.42$)	.17	.12	.04	.21**
Orientação para o Futuro ($\alpha=.87$)	.55**	-.14	.26**	-.15
Orientação para o Presente ($\alpha=.72$)	-.11	.01	-.03	.05
Orientação para o Passado ($\alpha=.60$)	.25**	.06	.15	.05
Visão Ansiosa do Futuro ($\alpha=.65$)	-.21*	.12	-.08	.10

A partir da observação da tabela 3.6 constata-se que os alfas encontrados nas sub-escalas do CMI variam entre .42 na sub-escala Consulta e .70 na sub-escala Confiança. Através da observação da tabela, conclui-se que as diferentes sub-escalas da FIS e do CMI não se correlacionam todas significativamente. Como se observa as sub-escalas Apoio Informativo e Preocupação são aquelas que se apresentam mais fortemente relacionadas ($r=.32$) assim como as sub-escalas Apoio Informativo e Curiosidade também se correlacionam de forma significativa ($r=.21$). Por sua vez, a sub-escala Apoio informativo correlaciona-se negativamente com a subescala Visão Ansiosa do Futuro ($r=-.21$). A escala das Expectativas Familiares correlaciona-se negativamente e de forma significativa com as sub-escalas Preocupação ($r=-.23$); Curiosidade ($r=-.22$) e Confiança ($r=-.24$). Por fim, verifica-se que a sub-escala Crenças/ Valores correlaciona-se positivamente com a sub-escala Consulta ($r=.21$) e negativamente com a sub-escala Preocupação ($r=-.25$).

Relativamente ao Inventário de Perspectiva Temporal, os índices de precisão mostraram variar entre .60 na sub-escala Orientação para o Passado e .87 na sub-escala de Orientação Temporal para o Futuro. Apesar de o alfa de Cronbach apresentar um nível mais modesto na sub-escala de Orientação para o Passado e Visão Ansiosa do Futuro, os restantes alfas das sub-escalas apresentam índices de precisão satisfatórios.

Como se observa na tabela as diferentes sub-escalas da FIS e do IPT não se correlacionam todas significativamente. Assim, o par de sub-escalas Apoio Informativo e Orientação para o Futuro apresentam a correlação significativamente positiva mais forte ($r=.55$). Igualmente as sub-escalas Apoio Financeiro e Orientação para o Futuro correlacionam-se significativamente entre si ($r=.26$). Por fim, as escalas Apoio Informativo e Visão ansiosa do Futuro apresentam uma correlação negativa mais baixa ($r=-.21$). As restantes sub-escalas dos dois instrumentos não apresentam correlações significativas entre si.

3.3 Comparação dos resultados médios segundo a variável sexo

Com o propósito de se analisar o nível de desenvolvimento nas diferentes sub-escalas conforme o sexo, realizou-se a estatística *T-Student*.

Tabela 3.7. Comparação dos resultados médios nas sub-escalas segundo a variável Sexo

	Masculino (N=77)		Feminino (N=74)		Masculino Vs Feminino (N=151)	
Sub-escalas	Média	DP	Média	DP	T	Sig
Apoio informativo	34.29	6.14	34.58	6.97	.28	.78
Expectativas familiares	17.05	6.75	15.70	4.87	1.40	.16
Apoio financeiro	19.49	3.15	19.50	2.68	.01	.99
Crenças e valores	8.65	3.98	7.85	3.67	1.28	.20
Preocupação	3.60	1.70	4.30	1.30	2.84	.01
Curiosidade	2.56	1.90	2.57	1.70	.06	.95
Confiança	2.80	1.76	2.53	1.84	-.91	.37
Cooperação	2.52	1.07	2,53	1.02	.04	.97
Visão ansiosa do Futuro	11.52	4.77	10.58	4.12	1.30	.19
Orientação para o Passado	18.65	4.78	18.24	5.25	-.50	.62
Orientação para o Presente	34.97	7.74	32.32	7.86	2.09	.04
Orientação para o Futuro	74.38	12.85	77.60	13.93	1.48	.14

Como se pode observar através da tabela nas sub-escalas Preocupação e Orientação para o Presente encontraram-se diferenças significativas entre os dois géneros. As raparigas apresentam resultados médios mais elevados na sub-escala Preocupação; contrariamente à sub-escala Orientação para o Presente onde os rapazes apresentam resultados médios mais elevados.

Capítulo 4 – Discussão e Conclusão

Diversos autores têm assumido a importância da família como um contexto preponderante no desenvolvimento vocacional dos adolescentes. Inúmeros estudos empíricos têm constatado que os estilos parentais, os estilos de vinculação e os sistemas familiares influenciam o desenvolvimento vocacional do indivíduo, designadamente no processo de exploração vocacional (Kracke, 1997, 2002), no planeamento de carreira (Kenny, 1990; Lee & Hughey, 2001), na auto-eficácia na tomada de decisão (Whiston, 1996) e na maturidade vocacional (Choi et al., 2012).

A presente investigação teve como objectivo primordial contribuir para o estudo no campo do desenvolvimento vocacional na adolescência, nomeadamente através da adaptação para português da Escala de Influência Familiar e da exploração da relação existente entre a percepção dos jovens acerca do apoio familiar e os determinantes do desenvolvimento vocacional: adaptabilidade de carreira e perspectiva temporal. Este estudo averiguou também as diferenças de géneros entre as quatro dimensões da adaptabilidade e do apoio percebido.

A Escala de Influência Familiar permite compreender a percepção da influência da família nas escolhas vocacionais dos adolescentes através de um conjunto de quatro dimensões operacionalizadas que pretendem abranger os diversos domínios de influência familiar, centrando-se em variáveis processuais e psicológicas como o apoio e as expectativas familiares.

A aplicação desta escala a um conjunto de 151 estudantes do 9º ano de escolaridade permitiu observar que esta adaptação portuguesa possui características psicométricas adequadas. Com efeito, através da análise de componentes principais extraíram-se 4 componentes na versão portuguesa da escala, encontrando-se em concordância com o mesmo número de componentes da versão original da Escala de Influência Familiar (Fouad et al., 2010). As quatro sub-escalas encontradas designam-se por: Crenças e Valores ($\alpha=.76$); Apoio Financeiro ($\alpha=.76$); Expectativas familiares ($\alpha=.80$) e Apoio Informativo ($\alpha=.85$). Assim, verifica-se que a presente escala apresenta índices de consistência interna adequados de acordo com o critério definido por (Anastasi & Urbina, 1997).

Relativamente à primeira hipótese avançada na presente investigação, foi possível constatar que a mesma se confirma parcialmente, na medida em que os resultados encontrados evidenciaram que apenas duas das quatro dimensões da sub-escala da percepção do apoio familiar se correlacionavam positivamente com alguns dos determinantes da adaptabilidade de carreira.

Desta forma, os resultados encontrados neste estudo apontam para uma correlação positiva entre a percepção do apoio familiar e a preocupação de carreira (entendida como uma orientação para o futuro) e entre o apoio familiar e a curiosidade de carreira (compreendida como o envolvimento numa actividade auto-exploratória e de exploração do meio envolvente). Tais evidências encontram sustentação teórica e empírica no Modelo das Bases de Maturidade preconizado por Super (1957, 1990). Na sua concepção, Super postula que os pais desempenham um papel importante na trajectória vocacional dos seus filhos quando incitam o desenvolvimento de actividades que lhes permitam explorar activamente a carreira, bem como quando se apresentam como uma relevante fonte de informação. Os pais, ao fomentarem este padrão de actividade exploratória nos seus filhos, permitem o desenvolvimento e a interiorização de um sentimento de controlo sobre si e, conseqüentemente, sobre as suas acções, o que tende a despertar no sujeito uma noção temporal e, por conseguinte, de preocupação com o futuro.

Relativamente aos resultados referentes à percepção do apoio informativo e à sua associação positiva com uma atitude curiosa e conseqüente comportamento exploratório, os mesmos encontram suporte no intermédio do referencial teórico de Kracke (1997, 2002). Com efeito, os resultados agora obtidos vão ao encontro dos estudos dos resultados obtidos nos estudos conduzidos por Kracke (1997, 2002) que constataram que os pais que conversam com os seus filhos acerca de assuntos relacionados com a carreira e que, simultaneamente, os apoiam ao longo do processo de planeamento, tendem a promover a curiosidade e exploração de carreira nos mesmos. De referir que tal actividade exploratória decorre, em grande parte, de um sentimento de preocupação com o futuro e de planeamento de carreira.

Na mesma linha de investigação, Dietrich, Kracke e Nurmi (2011) comprovaram num estudo que os jovens que manifestavam um mais comportamentos exploratórios eram os que percepcionavam maior fonte de suporte por parte dos pais, aliada a uma maior abertura para o diálogo acerca desta temática.

Por sua vez, a relação significativa constatada nesta investigação entre a percepção da influência das crenças e valores da família no desenvolvimento de carreira e a sub-escala consulta no âmbito da adaptabilidade de carreira demonstrou que os estudantes que percebem uma maior influência das crenças e valores da sua família no seu desenvolvimento vocacional tendem a pedir mais conselhos a outros agentes quando realizam as suas escolhas de carreira. Efectivamente, em termos práticos, indivíduos que mencionam ter em conta os valores, crenças e religião da sua família no seu processo de desenvolvimento de carreira tendem a procurar conselhos no seio familiar para perspectivar as suas escolhas de carreira.

Neste sentido, Gonçalves (2006) constatou que uma grande parte dos pais transmitem para os seus filhos pressupostos (voluntária e involuntariamente) que consideram ser fulcrais para que estes desenvolvam eficazmente a sua carreira. Tais pressupostos envolvem a partilha de estereótipos e significações subjacentes a determinadas profissões e actividades.

Por outro lado, os resultados da presente investigação constataram que uma maior percepção da influência dos valores, crenças e religião no desenvolvimento de carreira encontram-se negativamente associados a uma preocupação com a carreira. A presente constatação é corroborada por Kracke e Noack (2005, cit in Dietrich, 2010) já que estes autores concluíram que a imposição familiar de crenças e objectivos de carreira nas trajetórias vocacionais dos filhos, quando não congruentes com os desejos destes últimos, tendem a promover uma atitude de maior passividade no envolvimento e preparação de carreira.

No que concerne à dimensão das expectativas familiares, comprovou-se neste estudo que a percepção que os adolescentes têm acerca das expectativas dos seus familiares no seu desenvolvimento de carreira relaciona-se negativamente com os três domínios da adaptabilidade de carreira, nomeadamente a preocupação da construção da carreira, a curiosidade para explorar activamente o meio ambiente e a “si” mesmo e, a confiança para tomar decisões de forma eficaz.

Assente nestes resultados, poder-se-ão levantar algumas hipóteses explicativas para estas constatações. Partindo do conhecimento que as percepções das expectativas familiares de carreira nesta investigação se referem à percepção que os adolescentes têm da influência dos familiares na escolha de uma carreira com um determinado prestígio, que não envergonhe a família, que seja do seu agrado e que vá ao encontro do género do adolescente, poder-se-á compreender estas expectativas como uma fonte de pressão para

os adolescentes portugueses, em detrimento de um requisito que promova o seu desenvolvimento vocacional. Este facto poderá estar associado às diferenças culturais. Assim, níveis mais reduzidos no âmbito da percepção das expectativas familiares poderão estar intimamente associados à pressão familiar percebida pelos jovens.

De salientar que, numa investigação com adolescentes asiáticos, Fouad e colaboradores (2008) concluiu que os estudantes asiáticos apresentam uma tendência para enveredar por determinadas carreiras com base nas expectativas que os seus familiares idealizam para si, expectativas estas que são percepcionadas pelos jovens enquanto apoio. Contrariamente, no presente estudo realizado com estudantes portugueses, constatou-se que os que percepcionam uma menor pressão por parte dos familiares para seguirem determinadas carreiras tendem a manifestar maiores níveis de preocupação com a construção da sua carreira e, consequentemente, um maior envolvimento em actividades exploratórias, bem como uma maior confiança em si mesmos para tomarem as suas decisões. Autores como Whiston (1996) corroboram a relação existente entre a dimensão familiar e o seu impacto nos diversos níveis de maturidade de carreira. De facto, por intermédio das suas investigações, a autora demonstrou que pais que promovem a expressão de opiniões relativas à carreira dos seus filhos e que, cumulativamente, respeitam e valorizam os objectivos vocacionais por estes delimitados, tendem a promover níveis mais adequados de maturidade de carreira nos seus filhos, nomeadamente no que diz respeito à confiança na tomada de decisão.

Lopez e Andrews (1987) evidenciaram também nas suas investigações que os pais que se envolvem de forma exacerbada nas trajetórias vocacionais dos seus filhos, impondo os seus interesses, tendem a promover uma maior indecisão no que concerne às escolhas de carreira. Esta indecisão poderá advir de uma dificuldade em optar por enveredar ou pela carreira que desejam, ou pelo percurso que os seus pais idealizam para si.

Em suma, a confirmação parcial da hipótese decorre do facto de não terem sido encontradas correlações positivas significativas entre todas as dimensões da percepção da influência familiar e da adaptabilidade de carreira. Atendendo aos resultados encontrados, apenas a percepção do apoio informativo e das crenças e valores familiares se correlacionavam positivamente com alguns indicadores da adaptabilidade de carreira. Por outro lado, comprovou-se que a percepção das expectativas familiares se encontrava relacionada negativamente com a maioria dos indicadores da adaptabilidade de carreira.

Por fim, o apoio financeiro não demonstrou estar relacionado com nenhum indicador da adaptabilidade de carreira.

Relativamente à segunda hipótese formulada, verificou-se que apenas a percepção do apoio financeiro e do apoio informativo mostraram estar positivamente relacionadas com uma visão orientada para o futuro. Tal constatação vai ao encontro das conclusões obtidas por Nurmi (1991), que menciona que os indivíduos de estratos sócio-económicos mais desenvolvidos tendem a demonstrar um maior planeamento em tarefas de cariz vocacional, evidenciando assim uma maior orientação para o futuro.

Como seria expectável pela revisão de literatura efectuada, a percepção de um maior apoio informativo demonstrou associar-se positivamente ao desenvolvimento de uma orientação direccionada para o futuro. A título de exemplo, o Modelo das Bases da Maturidade Vocacional preconizado por Super (1957, 1990) vem corroborar a presente constatação. De acordo com o autor, os pais são percebidos como modelos no modo como potenciam a aquisição de informação relevante ao desenvolvimento vocacional dos seus filhos. Os pais actuam assim como um estímulo que se traduz num incentivo para que os filhos actuem e se envolvam activamente na procura de informação que, por sua vez, lhes propicia um sentimento de controlo sobre as suas actividades em particular e sobre a sua vida em geral. O sentimento de controlo do sujeito promove a aquisição de uma noção temporal, que lhe permitirá idealizar e arquitectar objectivos futuros. Em suma, os pais desempenham um papel fulcral na forma como fomentam a construção de carreira dos seus filhos e, como tal, demonstram ter um papel preponderante no desenvolvimento da concepção de tempo. Em jeito de conclusão, importa ainda referir que não foram encontradas associações significativas entre as restantes dimensões da percepção familiar e uma orientação para o futuro.

Partindo do referencial teórico existente sobre esta temática, seria expectável que fossem encontradas diferenças entre géneros respeitantes às dimensões da percepção da influência familiar e da adaptabilidade de carreira. Este pressuposto foi parcialmente confirmado, na medida em que foram encontradas diferenças significativas entre os dois géneros apenas a nível da dimensão relativa à preocupação. Assim, tais constatações permitem inferir que as raparigas demonstram maiores níveis de preocupação e, conseqüentemente, de envolvimento no desenvolvimento de carreira quando comparadas aos rapazes. As presentes conclusões encontram sustentação no estudo de Janeiro (2006), que constata que em anos de transição, como no caso do 9º e 12º anos,

as raparigas tendem a demonstrar um maior número de atitudes de exploração de carreira comparativamente aos rapazes.

Estudos futuros poderão averiguar a relação existente entre o apoio informativo e uma orientação para o passado paralelamente ao estudo da relação entre a visão ansiosa do futuro e o apoio informativo. Apesar destas associações não terem sido preconizadas enquanto hipóteses deste estudo, foram encontrados resultados neste sentido. A presente investigação evidenciou também que o sexo masculino parece possuir uma maior orientação para o presente quando comparado com o sexo feminino.

Este estudo exploratório pretendeu contribuir para uma nova visão no âmbito da influência contextual no desenvolvimento vocacional, nomeadamente através da clarificação da importância dos vários domínios da família, como o apoio familiar e as expectativas familiares. Fica justificada assim a importância de uma intervenção no aconselhamento vocacional que vise a integração dos factores familiares como influenciadores da carreira desenvolvida pelos sujeitos.

Podem-se apontar como limitações presentes nesta investigação o facto da mesma incidir estritamente numa amostra com estudantes portugueses e/ou residentes em Portugal. Como tal, seria pertinente ampliar e diversificar a amostra, com vista a averiguar a expressão de diferentes culturas e a sua influência nas dimensões familiares analisadas nesta escala. Neste estudo seria igualmente interessante analisar a dimensão relativa ao nível sócio-económicos da família e do adolescente com o propósito de compreender a influência desta variável no desenvolvimento vocacional.

Em estudos posteriores, seria relevante considerar a percepção da família acerca da sua própria influência no desenvolvimento de carreira dos jovens, uma vez que, desta forma, poder-se-ia observar as semelhanças e diferenças encontradas nas percepções da família e dos próprios adolescentes no que concerne ao desenvolvimento de carreira dos mesmos. Seria de igual modo importante debruçar-se sobre o estudo da (não) intencionalidade do comportamento da família dada a importância do seu papel na construção dos projectos de vida dos jovens.

De forma a compreender melhor a complexa dinâmica da influência contextual nos indicadores de desenvolvimento vocacional (Perspectiva Temporal e Adaptabilidade de Carreira) seria significativo se se realizasse um estudo longitudinal visando compreender quais as diferenças constatadas ao longo dos tempos nos dois determinantes do desenvolvimento vocacional.

Seria igualmente pertinente abranger diferentes anos de escolaridade em estudos posteriores, com vista à obtenção de resultados e conclusões mais ricas e latas acerca do desenvolvimento vocacional.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709-716.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (1997). *Psychological testing* (7th ed.) USA: Prentice-Hall.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Blustein, D. L., Walbridge, M. M., Friedlander, M. L., & Palladino, D. E. (1991). Contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Counseling Psychology*, 38(1), 39-50.
- Blustein, D. L., Prezioso, M. S., & Schultheiss, D. P. (1995). Attachment Theory and Career Development Current Status and Future Directions. *The Counseling Psychologist*, 23(3), 416-432.
- Blustein, D. L., Chaves, A. P., Diemer, M. A., Gallagher, L. A., Marshall, K. G., Sirin, S., & Bhati, K. S. (2002). Voices of the forgotten half: The role of social class in the school-to-work transition. *Journal of Counseling Psychology*, 49(3), 311-323.
- Boyd, J.N., & Zimbardo, P.G. (2005). Time Perspective, Health, and Risk Taking. In A. Strathman & J. Joireman (Eds.), *Understanding Behavior in the Context of Time: Theory, Research, and Application* (pp.85-107). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bratcher, W. E. (1982). The influence of the family on career selection: A family systems perspective. *The Personnel and Guidance Journal*, 61(2), 87-91.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.

- Choi, S., Hutchinson, B., Lemberger, M. E., & Pope, M. (2012). A longitudinal study of the developmental trajectories of parental attachment and career maturity of South Korean adolescents. *The Career Development Quarterly*, 60(2), 163-177.
- Chope, R. C. (2005). Qualitatively assessing family influence in career decision making. *Journal of Career Assessment*, 13(4), 395-414.
- Dietrich, J., & Kracke, B. (2009). Career-specific parental behaviors in adolescents' development. *Journal of Vocational Behavior*, 75(2), 109-119.
- Dietrich, J. (2010). *Adolescents' and Parents' Developmental Regulation During the Transition From School To Higher Education* Dissertação de Doutorado. Retirado de <http://d-nb.info/101636783X/34>
- Dietrich, J., Kracke, B., & Nurmi, J. E. (2011). Parents' role in adolescents' decision on a college major: A weekly diary study. *Journal of Vocational Behavior*, 79(1), 134-144.
- Ferrari, L., Nota, L., & Soresi, S. (2010). Time perspective and indecision in young and older adolescents. *British Journal of Guidance & Counselling*, 38(1), 61-82.
- Fouad, N. & Katamneni, N. (2008). Contextual factors in vocational psychology: intersections of individual, group, and societal dimensions. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.). *Handbook of Counseling Psychology* (pp. 408-425). New Jersey: Willey & Sons.
- Fouad, N., Katamneni, N., Smothers, M., Chen, Y., Fitzpatrick, M & Terry, S. (2008). Asian american career development: a qualitative analysis. *Journal of Vocational Behavior*, 72, 43-59.

- Fouad, N. A., Cotter, E. W., Fitzpatrick, M. E., Kantamneni, N., Carter, L., & Bernfeld, S. (2010). Development and validation of the family influence scale. *Journal of Career Assessment*, 18(3), 276-291.
- Freire, E., Gorman, B., & Wessman, A. E. (1980). Temporal span, delay of gratification, and children's socioeconomic status. *The Journal of Genetic Psychology*, 137(2), 247-255.
- Gonçalves, C. M. (2006). *A Família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens*. Dissertação de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Lisboa.
- Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2007). O papel dos pais na construção de trajectórias vocacionais dos seus filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 1-17.
- Gottfredson, L. (1981). Circumscription and compromise: A developmental theory of occupational aspirations. *Journal of Counseling Psychology*, 28(6), 545-579.
- Grotevant, H.D., & Cooper, C.R. (1988). The role of family experience in career exploration: A life-span perspective. In P. B. Baltes, D. L. Featherman, & R. M. Lerner (Eds.), *Life-span development and behavior* (pp. 231-258). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hargrove, B. K., Creagh, M. G., & Burgess, B. L. (2002). Family interaction patterns as predictors of vocational identity and career decision-making self-efficacy. *Journal of Vocational Behavior*, 61, 185-201.
- Hargrove, B. K., Inman, A. G., & Crane, R. L. (2005). Family interaction patterns, career planning attitudes, and vocational identity of high school adolescents. *Journal of Career Development*, 31(4), 263-278.

- Janeiro, I. N. (2006). *A perspectiva temporal, as crenças atribucionais, a auto-estima e as atitudes de planeamento e de exploração de carreira: Estudo sobre os determinantes da maturidade na carreira em estudantes dos 9º e 12º anos*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Janeiro, I. N. (2008). Dinâmica cognitivo-motivacional e atitudes de carreira: Um estudo confirmatório. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 40, 179-199.
- Janeiro, I.N. (2010). Motivational dynamics in the development of career attitudes among adolescents. *Journal of Vocational Behaviour*, 76(2), 170-177.
- Janeiro, I. N. (2012). O inventário de perspectiva temporal: Estudo de validação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 34 (1), 117-133.
- Keller, B. K., & Whiston, S. C. (2008). The role of parental influences on young adolescents' career development. *Journal of Career Assessment*, 16(2), 198-217.
- Keough, K. A., Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Who's smoking, drinking, and using drugs? Time perspective as a predictor of substance use. *Basic and applied social psychology*, 21(2), 149-164.
- .
- Kenny, M. E. (1990). College seniors' perceptions of parental attachments: The value and stability of family ties. *Journal of College Student Development*. 31, 39-46.
- Ketterson, T. U., & Blustein, D. L. (1997). Attachment relationships and the career exploration process. *The Career Development Quarterly*, 46(2), 167-178.
- Koumoundourou, G. A., Tsaousis, I., & Kounenou, K. (2010). Parental influences on Greek adolescents' career decision-making difficulties: The mediating role of core self-evaluations. *Journal of Career Assessment*, 19(2) 165-182.
- Kracke, B. (1997). Parental behaviors and adolescents' career exploration. *The Career Development Quarterly*, 45(4), 341-350.

- Kracke, B. (2002). The role of personality, parents and peers in adolescents career exploration. *Journal of Adolescence*, 25(1), 19-30.
- Lens, W., Paixão, M. P., Herrera, D., & Grobler, A. (2012). Future time perspective as a motivational variable: Content and extension of future goals affect the quantity and quality of motivation. *Japanese Psychological Research*, 54(3), 321-333.
- Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (2002). Social cognitive career theory. In D. Brown (Ed.), *Career choice and development* (4th ed., pp. 255-311). San Francisco: Jossey-Bass.
- Lee, H. Y., & Hughey, K. F. (2001). The relationship of psychological separation and parental attachment to the career maturity of college. *Journal of Career Development*, 27(4), 279-293.
- Lopez, F. G. & Andrews, S. (1987). Career indecision: A family systems perspective. *Journal of Counseling and Development*, 65, 304-307.
- Maroco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (5ª Ed.). Lisboa
- Nelson, M. L., Englar-Carlson, M., Tierney, S. C., & Hau, J. M. (2006). Class jumping into academia: Multiple identities for counseling academics. *Journal of Counseling Psychology*, 53(1), 1-14.
- Nurmi, J. E. (1991). How do adolescents see their future? A review of the development of future orientation and planning. *Developmental Review*, 11(1), 1-59.
- Ortuño, V., & Janeiro, I. (2010). Análise das Diferenças na Perspectiva Temporal em Vários Grupos Etários através do IPT e do ZTPI. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A. T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio e M. C. Taveira (Eds.) *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 35-46). Braga: Universidade do Minho.

- Paixão, M. P. (2004). A dimensão temporal do futuro na elaboração de objetivos pessoais e organização de projetos. *Psychologica*, 273-286.
- Patton, W., & McMahon, M. (1999). *Career development and systems theory: A new relationship*. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.
- Peetsman, T. (2000). Future time perspective as a predictor of school investment. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 44(2), 179-194.
- Powell, D. F., & Luzzo, D. A. (1998). Evaluating factors associated with the career maturity of high school students. *The Career Development Quarterly*, 47(2), 145-158.
- Roe, A. (1957). Early determinants of vocational choice. *Journal of Counseling Psychology*, 4(3), 212-217.
- Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory. *The Career Development Quarterly*, 45, 247-259.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career Development and Counseling: Putting Theory and Research to Work* (pp. 42-70). Hoboken, NJ: Wiley.
- Savickas, M. L. & Porfeli, E.J., (2011). Revision of the career maturity inventory: the adaptability form. *Journal of Career Assessment*. 19(4), 355-374.
- Savickas, M. L. (2013). Career construction theory and practice. In R. W. Lent & S. D. Brown (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 147-183). Hoboken, NJ: Wiley

- Schultheiss, D. P., & Blustein, D. L. (1994). Contributions of family relationship factors to the identity formation process. *Journal of Counseling & Development*, 73(2), 159-166.
- Seligman, L. (1994). *Development career counseling and assessment* (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Sharf, R. S. (2006). *Applying career development theory to counseling*. Belmont, CA: Thompson Higher Education
- Super, D. E. (1955). The dimensions and measurement of vocational maturity. *Teachers College Record*, 57, 151–163.
- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Harper & Brothers.
- Super, D. E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), *Career Choice and Development* (2nd ed., pp. 197-261). San Francisco: Jossey Bass.
- Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development* (3th ed., pp. 121-177). San Francisco: Jossey Bass.
- Vondracek, F. W., Lerner, R. M., & Schulenberg, J. E. (1986). *Career development: A life-span developmental approach*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Walker, T. L., & Tracey, T. J. (2012). The role of future time perspective in career decision-making. *Journal of Vocational Behavior*, 81(2), 150-158.
- Whiston, S. C. (1996). The relationship among family interaction patterns and career indecision and career decision-making self-efficacy. *Journal of Career Development*, 23(2), 137-149.

- Whiston, C. S., & Keller, K. B. (2004). The Influence of the family of origin on career development: A review and analysis. *The Counseling Psychologist*, 32(4), 493-568 .
- Zimbardo, P. G., Keough, K. A., & Boyd, J. N. (1997). Present time perspective as a predictor of risky driving. *Personality and Individual Differences*, 23(6), 1007-1023.
- Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Putting time in perspective: A valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(6), 1271-1288.

Índice de Tabelas

Tabela 2.1. Distribuição dos participantes por idades	23
Tabela 3.1. Estatísticas descritivas ao nível dos itens	25
Tabela 3.2. Análise de componentes principais ao nível dos itens.....	26
Tabela 3.3. Estatísticas descritivas das sub-escalas.....	27
Tabela 3.4 Coeficientes alfa por sub-escala e se item excluído	28
Tabela 3.5. Matriz de correlações das sub-escalas da Escala de Influência Familiar ...	28
Tabela 3.6. Matriz das três escalas e respectivos alfas das sub-escalas	29
Tabela 3.7 – Comparação dos resultados médios na adaptabilidade segundo o género	31

Anexo I

Adaptação portuguesa do questionário *Family Influence Scale*:

1. A minha família partilha comigo informação sobre como arranjar um trabalho.
2. A minha família fala comigo sobre a minha carreira, desde cedo.
3. A minha família ensinou-me como ser bem-sucedido na escolha de uma carreira.
4. A minha família mostrou-me quais os aspectos mais importantes na escolha de uma carreira.
5. Ver/Observar a minha família a trabalhar deu-me confiança na minha carreira.
6. A minha família guia-me na escolha das melhores carreiras para mim.
7. A minha família tem-me dado informação sobre como obter educação e formação
8. A minha família apoia/aprova-me fazendo-me questões relacionadas com a carreira.
9. A minha família espera que eu escolha uma carreira que tem um determinado prestígio
10. A minha família espera que eu escolha uma carreira que não os envergonhe.
11. A minha família só está disposta a apoiar-me financeiramente, se eu escolher uma carreira que eles aprovem.
12. A minha família espera que a escolha da minha ocupação, reflecta os seus desejos/expectativas.
13. A minha família espera que pessoas pertencentes à nossa cultura escolham determinadas carreiras.
14. As expectativas de carreira da minha família sobre mim, são baseadas no meu género sexual/sexo.
15. A minha família espera que eu contribua financeiramente para a minha educação e formação.
16. Porque os meus pais me apoiam financeiramente, eu posso-me focar no meu desenvolvimento de carreira;
17. A minha família não tem sido capaz/ não tem conseguido, apoiar-me financeiramente nas minhas decisões de carreira.
18. Se eu quisesse ter mais educação, depois do Ensino Superior, a minha família iria dar-me apoio financeiro:

19. Se eu vier a experimentar uma situação de carreira difícil, a minha família irá apoiar-me financeiramente.
20. A minha família espera que eu considere a minha religião/espiritualidade aquando das minhas decisões de carreira.
21. A minha família disse-me como é que os nossos valores/crenças são muito importantes para a carreira.
22. A minha família espera que a minha carreira vá de encontro às nossas crenças e valores de família.

Anexo II

Lisboa, Janeiro de 2014

Exma. Senhora
Diretora da Escola,

O meu nome é Francisca Fernandes e venho por este meio pedir a sua cooperação para a investigação que estou a realizar, sob a supervisão da Professora Doutora Isabel Janeiro, no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia, realizada na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal.

Este estudo tem como principal objetivo compreender de que forma os pais influenciam os seus filhos na construção do seu projeto de vida e na adaptabilidade de carreira. Esta investigação pretende recolher dados que permitam melhorar a actividade de orientação vocacional bem como permite conhecer melhor o indivíduo na sua globalidade. Esta informação será recolhida através do recurso a três instrumentos: Um questionário de Influência Parental, um Inventário de Maturidade Vocacional e um Inventário de Perspectiva Temporal. O estudo necessita da colaboração de cerca de 200 alunos que frequentam o 3º ciclo, mediante a autorização dos seus Encarregados de Educação.

O preenchimento dos questionários tem a duração aproximada de 50 minutos e serão aplicados apenas uma vez. As respostas serão anónimas e confidenciais, destinando-se unicamente a fins de investigação científica. A participação dos alunos é voluntária, e os alunos poderão abandonar a investigação quando o desejarem. Os resultados da investigação serão disponibilizados à escola, aos próprios alunos e aos pais que assim o solicitem.

Agradeço desde já a sua atenção e disponibilidade, encontrando-me disponível para qualquer dúvida que apresente. Com os meus melhores cumprimentos

(Francisca Fernandes – Francisca-fbf90@hotmail.com)

Anexo III

Consentimento informado para os Encarregados de Educação

Venho por este meio pedir a sua cooperação para a investigação que estou a realizar, sob a supervisão da Professora Doutora Isabel Janeiro, no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia, realizada na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal.

Este estudo tem como principal objetivo compreender a relação entre o apoio familiar percebido e a construção dos projectos de vida e adaptabilidade de carreira na adolescência. Esta investigação pretende recolher dados que permitam melhorar a actividade de orientação vocacional bem como permite conhecer melhor o indivíduo na sua globalidade. Esta informação será recolhida através do recurso a quatro instrumentos: Um questionário de dados sócio-demográficos, Um questionário de Percepção da Influência Familiar, um Inventário de Maturidade Vocacional e um Inventário de Perspectiva Temporal.

Desta forma, agradeço a participação do seu educando neste estudo. Caso aceite a participação do seu educando nesta pesquisa, a recolha dos dados não deverá exceder os 50 minutos e será feita presencialmente em contexto sala de aula na Escola do seu educando. Existe a possibilidade de abandonar o preenchimento dos questionários em qualquer momento do processo. As respostas são confidenciais e anónimas. Agradeço desde já a sua ajuda e disponibilidade. Terei todo o prazer em apresentar-lhe os resultados do estudo após a conclusão do mesmo, se assim o desejar. Encontro-me disponível para responder a qualquer dúvida que lhe possa surgir.

Com os melhores cumprimentos,

Francisca Fernandes

(Contacto e-mail: Francisca-fbf90@hotmail.com)